

EIXO I
CULTURA, ETNIA, GÊNERO E SEXUALIDADE NO CAMPO

**Arte e vida Urucongo: O acesso a terra através da cultura, na comunidade Chico
Gomes, Crato – CE.**

13

Ana Paula Rodrigues da Costa¹

Ana Roberta Duarte Piancó²

Resumo

O trabalho que se segue é fruto de uma pesquisa de iniciação científica – PIBIC/CNPq, que se iniciou no mês de agosto de 2014, com o objetivo de desenvolver um olhar geográfico sobre a comunidade Chico Gomes em Crato-CE. Com o intuito de analisar as características que permeiam o espaço rural, no sentido de compreender a relação do camponês com a terra, através do grupo Urucongo de Artes, que desenvolve na comunidade um trabalho de resgate a cultura popular, através da dança do côco, ao mesmo tempo em que visa com essa manifestação cultural, o acesso a terra, que é a principal dificuldade enfrentada no local. O grupo é mantido pelos jovens que pouco a pouco, tem conseguido reconhecimento e transformado vidas, com a implantação de projetos na comunidade.

Palavras-chave: Comunidade Chico Gomes; Cultura; Grupo Urucongo.

INTRODUÇÃO

A comunidade Chico Gomes, integra área rural do município de Crato, na região do Cariri cearense, distante oito quilômetros do centro da cidade. A comunidade é composta por cerca de 47 famílias, que se distribuem numa área na encosta da Chapada do Araripe, tendo portanto o acesso a terra como maior desafio. O local também é conhecido pela maneira que guia seus jovens a preservar e manter a cultura de seus antepassados.

No Chico Gomes, a repressão camponesa é algo conhecido e temido pelos moradores, principalmente os mais idosos, que vivenciaram e repassam os relatos de

¹ Discente de Graduação de Licenciatura em Geografia pela Universidade Regional do Cariri, bolsista PIBIC/CNPq. Email: anapaula-rodriguesdacosta@bol.com.br

² Prof. Me. em Geografia do Departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri, líder do grupo de pesquisa CNPq- Território, espaço e movimentos sociais. Email: robertapianco@hotmail.com
Eixo Temático: Cultura, etnia, gênero e Sexualidade no Campo.

torturas ocorridos com os mesmos. Os moradores desta comunidade ainda vivem sob regime patronal, onde poucos conseguiram colocar seus filhos na escola, pelo fato de terem de trabalhar desde criança, como também, a dificuldade de acesso a escola, pelo fato de não existir na comunidade nenhum prédio escolar ou mesmo posto de saúde.

Na comunidade as residências são bastante diversificada, tanto na estrutura como na posse do domicílio, como mostra Silva *et al* (2012), através de estudo socioeconômico realizado no local. A mesma aponta em seu estudo que 66,66% das residências na comunidade são feitas de alvenaria, seguida pela construção de taipa, que corresponde a 33,33%. Quanto à posse das residências 44,44% dos entrevistados afirmam ser apenas moradores.

Neste contexto a comunidade Chico Gomes se apresenta pela pequena produção camponesa, como ressalta Silva (1982), sendo, pois, como unidade produtiva que ocupa “pequenas áreas com baixas rendas, onde a família do produtor direto constitui a unidade básica de produção e de consumo, e onde sua produção se realiza sobre precárias condições” (p.37).

Vivendo sob o regime patronal, os moradores da comunidade Chico Gomes, vivem sob um regime de extensas jornada de trabalho, tendo acesso a produzir uma pequena horta de legumes em seus quintais para produção familiar. Bem como, muitos moradores não possuem casas de tijolos, ou nem mesmo a escritura da residência, como citado acima. Ou seja, vivenciam uma exploração diária exercida pelo dono da terra, como ressalta Moura (1986).

No próprio campo o camponês vivencia a exploração exercida sobre ele, seja através da apropriação de parte do que produz, sob a forma de tributos entregues ao dono da terra, seja através dos preços depreciados que o comerciante comprador de sua colheita impõe, ou ainda pela expropriação de sua terra pelo grande proprietário (p. 14).

Diante de tantas formas de exclusão e exploração, é que jovens da comunidade decidiram resistir. Mas, resistir de que forma? Com quais armas? Utilizando a cultura popular, como ferramenta de luta pelo acesso a terra.

ARTE E VIDA URUCONGO

O grupo Urucongo de artes surge em um contexto de festa, brincando para pensar algo serio. Pois bem, os jovens do local, se reuniam anualmente para planejar e

festejar o São João, com a quadrilha junina, mas, não era só isso. Todos os anos celebravam os festejos juninos, tradição muito presente no Nordeste brasileiro, através de temas que refletisse na realidade local, como acesso a água, educação, terra, dentre outros assuntos.

De repente percebe-se, que só a quadrilha junina, uma vez ao ano não era eficaz, a comunidade necessitava de organização, de uma voz ativa que pudesse levar a luta da comunidade para toda sociedade.

Nasce então à necessidade de algo mais concreto, tendo origem em 2006, o grupo Urucongo de Artes. A escolha do nome Urucongo, que significa berimbau, simboliza o resgate do movimento cultural que acontecia na comunidade antes da chegada do latifúndio nesta localidade (O CANDEIRO, 2014).

Os jovens do grupo decidiram pesquisar a história local, a buscar parcerias, no sentido de se fazerem reconhecer como sujeitos de sua história. Quando iniciou o grupo eram 50 jovens envolvidos com o projeto, atualmente restam apenas 16.

O grupo Urucongo, tornou-se conhecido não somente na região do Cariri, mas no Estado do Ceará. Participam de festivais ligados a cultura, ganharam prêmios e fortaleceram o grupo com a compra de instrumentos musicais. Conseguiram também através do projeto Solari (Energia solar, educação contextualizada, economia e agroecologia: capacitando jovens, promovendo a vida e conservando o meio ambiente em comunidades da diocese de Crato) da caritas diocesana a compra de um terreno para a implantação de uma mandala para os jovens, uma radio difusora, a casa de sementes e a revitalização do trabalho das mezinheiras, que fortaleceu o trabalho com a produção e comercialização de chás, banhos, lambedores, sabonetes e pomadas, confeccionadas a partir de ervas medicinais.

Muitos benefícios chegaram à comunidade depois da formação do grupo Urucongo, e o reconhecimento pouco a pouco tem transformado a comunidade no cenário regional, como por exemplo, mais um evento promovido pelo grupo que é a capacitação de moradores da localidade para a implantação do turismo de base comunitária, com apoio de alguns parceiros, como Cáritas e ACB.

Diante de tantas manifestações culturais no local, surgiu em 2012 um evento que passou a fazer parte do calendário comunitário – A balada côco. A balada côco é uma das principais manifestações culturais local, que acontece em noites de lua cheia, sendo animada pela juventude do grupo de artes. Atualmente o evento acontece no

terreiro de uma das moradoras, onde chama a atenção da população dos municípios da região do Cariri. Congregando em suas noites estudantes, professores, artistas locais, dentre muitos curiosos, que cada vez mais, sobem a chapada do Araripe para conhecer, danças e se encantar com a balada (ASA BRASIL, 2012).

A cada edição da balada côco é refletido uma temática, onde agregam as dificuldades e interesse local, sem nunca deixar de refletir o acesso a terra, sendo, pois, a maior dificuldade enfrentada pela comunidade.

E desta forma, os jovens da comunidade Chico Gomes, vão resistindo e lutando pelo acesso a terra. Teodor Shanin apud Moura, 1986, diz que:

Se os camponeses continuam existindo nos dias de hoje é provável que continuem a existir por muito tempo. A importância dessa afirmação reside no fato de que o sistema capitalista dominante, que determina a organização do trabalho e da apropriação da terra em muitas formações sociais espalhadas pelo mundo, não erradicou o camponês (...), os processos sociais que viabilizam a existência do camponês tem sido mais expressivos e fortes do que aqueles que o levam à extinção (p. 17).

Os jovens do grupo de artes vêm mantendo a cultura local e resistindo a exploração exercida sobre todos os residentes desta comunidade. Muito já foi conquistado pelos jovens, inclusive o acesso a educação, que antes não era permitido, tendo que trabalhar para o patrão desde criança. Mas isso já foi barreira vencida, mesmo não tendo prédio escolar na comunidade.

Muitos jovens já estão no ensino superior, inclusive, alguns já formados e atuantes em pós-graduação como mestrado e doutorado. Todas essas conquistas foi uma batalha diária e contínua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das inúmeras tentativas de erradicar o camponês, advindo de exploração, expropriação, lutas camponesas e incontáveis batalhas travadas no campo brasileiro, o camponês ainda resiste a toda essa forma de massacre.

A comunidade Chico Gomes é um exemplo desta resistência camponesa, e como ressalta a autora Margarida Moura (1986), ao relatar que se o camponês existe até hoje, então por muito tempo ele existirá, é desta maneira que os moradores desta localidade têm atuado, existindo e resistindo. Por que mesmo diante das mazelas que o

sistema capitalista vigente impõe ao trabalho no/do campo e um ponto crucial é o acesso a terra, ainda sim é possível ver a união e perseverança dos trabalhadores camponeses.

Um ponto chave desta questão é contar com os jovens da comunidade para resgatar as tradições rurais e culturais, como tem feito os jovens do grupo de artes Urucongo, que utilizam a cultura popular através da dança do côco para manter as raízes camponesas e lutar pelo acesso a terra.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL *et al.* Urucongo: Uma história de arte e cultura no Cariri Cearense. **O Candeeiro**. Crato, julho de 2014.

MOURA, Margarida Maria. **Camponeses**. São Paulo: Ática, 1986.

RAVENA, Monyse. Comunidade de Crato celebra noite de lua com manifestações da cultura local. **Asa Brasil**. Recife, 29 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/portal/informacoes.asp?COD_NOTICIAS=7356>. Acesso em: 24 de outubro de 2014.

SILVA, Antonia Almeida da *et al.* Caracterização socioeconômica/tecnológica dos agricultores familiares da comunidade Chico Gomes em Crato – CE. In: Encontro Universitário da UFC no Cariri, 4., 2012, Juazeiro do Norte. **Anais...** Juazeiro do Norte: UFC, 2012. s/p.

SILVA, J. G. **A modernização dolorosa, estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.